

XXXIII

A CAMINHO DA CROSTA

Após nos refazermos pela manhã, considerando a viagem ainda longa, despedimo-nos, comovidos. Pelo menos, quanto a mim, podia afirmar que me afastava com mágoa, tão belas as lições ali colhidas!

Alfredo e a esposa nos abraçaram, sensibilizados, desejando-nos jornada feliz e êxito no trabalho.

Vários amigos da véspera estavam presentes, saúdando-nos jubilosos.

Tomamos o carro agradavelmente surpreendidos.

Ser-me-ia muito difícil descrever a pequena máquina, que mais se assemelhava a pequeno automóvel de asas, a deslocar-se impulsionado por fluidos elétricos acumulados.

Sempre generoso, Aniceto explicou:

— Aceitei a cooperação do aparelho, não porque os deseje escravizados ao menor esforço, mas porque a permanência, embora ligeira, no Pôsto de Socorro, constituiu ensêjo dos mais frutuosos à aquisição de conhecimentos necessários. Receberam vocês lições intensivas, relativamente aos nossos irmãos perturbados e sofredores, bem como sobre os efeitos da prece. Dêsse modo, temos nosso expediente bastante adiantado, considerando que se encontram ambos em tarefa de observação e aprendizado, acima de tudo.

E, depois de pequena pausa, continuou:

— Não creiam, todavia, que possamos aproveitar a máquina até a Crosta. Calculo que só

poderemos voar até o meio-dia. Em seguida, prossegiremos a pé.

Aniceto calou-se por instantes, sorriu noutra expressão fisionómica, e acentuou:

— Isto, porém, acontecerá sômente enquanto não hajam vocês criado asas espirituais, que possam vencer tôdas as resistências vibratórias. Semelhante realização pode não estar distante. Dependerá do esforço que desejarem despender no trabalho aquisitivo. Todo aquéle que opere, e coopere de espírito voltado para Deus, poderá aguardar sempre o melhor. Não é promessa de amizade. E' lei.

O pequeno aparelho nos conduziu por enormes distâncias, sempre no ar, mas conservando-se a reduzida altura do solo.

Quase precisamente ao meio-dia, estacionamos em humilde pouso, destinado a abastecimento e reparação de maquinaria, de natureza daquela em que havíamos viajado.

Despediu-se de nós o condutor, que nos desejou boa viagem, preparando-se para regressar.

A paisagem tornou-se, então, muito fria e diferente. Não estávamos em caminho trevozo, mas muito escuro e nevoento. Tornara-se densa a atmosfera, alterando-nos a respiração.

Aniceto contemplou, conosco, a vastidão caliginosa e falou em tom grave:

— Com quatro horas de locomoção, estaremos na Crosta. Reparem as sombras que nos rodeiam, identifiquem a mudança geral. Infelizmente, as emissões vibratórias da humanidade encarnada são de natureza bastante inferior, em nos referindo à maioria das criaturas terrestres, e estas regiões estão repletas de resíduos escuros, de matéria mental dos encarnados e desencarnados de baixa condição. Atraversaremos grandes zonas, não propriamente tenebrosas, mas muito obscuras ao nosso olhar. Daqui a duas horas, porém, encontraremos sinais da luz solar.

Nossa peregrinação, francamente, foi muito pensada e dolorosa, e, somente aí, avaliei, de fato, a enorme diferença da estrada comum, que liga a Crosta a "Nosso Lar" e aquela que agora percorriamos a pé, vencendo obstáculos de vulto. Imaginei, comovido, o sacrifício dos grandes missionários espirituais que assistem o homem, compreendendo, então, quão meritório lhes é o serviço e como necessitam disposições especiais e formidável bom ânimo, para auxiliarem as criaturas encarnadas, de maneira constante.

Os monstros, que fugiam à nossa aproximação, escondendo-se no fundo sombrio da paisagem, eram indescritíveis e, obedecendo a determinações de Aniceto, não posso ensaiar qualquer informe nesse sentido, afim de não criar imagens mentais de ordem inferior no espírito dos que, acaso, venham a ler estas humildes notícias.

No horário previsto por nosso orientador, começamos a vislumbrar, de novo, a luz do Sol, como se estivéssemos em madrugada clara. O espetáculo era magnífico e novo para mim. Calor brando começou a revigorar-nos.

Aniceto fixou o quadro maravilhoso dos raios de luz atravessando as sombras, e falou, de olhos úmidos:

— Agradeçamos ao Senhor dos Mundos a bênção do Sol! Na Natureza física, é a mais alta imagem de Deus que conhecemos. Temo-lo, nas mais variadas combinações, segundo a substância das esferas que habitamos, dentro do sistema. Ele está em "Nosso Lar", de acordo com os elementos básicos de vida, e permanece na Terra segundo as qualidades magnéticas da Crosta. E' visto em Júpiter de maneira diferente. Ilumina Vênus com outra modalidade de luz. Aparece em Saturno noutra roupagem brilhante. Entretanto, é sempre o mesmo, sempre a radiosa sede de nossas energias vitais!

Avançamos, comovidos, e, daí a algum tempo,

surgiu-nos o astro sublime, na posição que antecede o crepúsculo.

Doutras vezes, viajando sempre através da estrada luminosa e fácil de ser percorrida, em vista das possibilidades de volição, não fizera maior reparo. Agora, porém, que atravessara névoas compactas, anotava diferenças profundas.

A certa distância, surgia a Terra, não na forma esférica, porque nos achávamos não longe da Crosta, mas como paisagem além, a interpenetrar-se nas extensas regiões espirituais.

O Sol resplandecia, rumo ao Poente, como enorme lâmpada de ouro.

Aniceto, que parecia alegrar-se sobremaneira, exclamou:

— Entramos na zona de influenciação direta da Crosta. Poderemos, doravante, praticar a volição, utilizando nossos conhecimentos de transformação da força centrípeta. A luz que nos banha resulta do contato magnético entre a energia positiva do Sol e a força negativa da massa planetária. Prossigamos. Não tardaremos a entrar no Rio de Janeiro.

A essa altura, assaltou-me o desejo de perguntar alguma coisa relativamente à direção.

— Como nos orientaremos? — indaguei curioso.

— Antes de tudo — respondeu o instrutor — preciso não esquecer que nossas colônias estão situadas no campo magnético da América do Sul. Qualquer bússola seria sensível, de agora em diante, mas, em nosso caso, é indispensável educar o pensamento e orientar-nos dentro da energia que lhe é peculiar.

Empregamos, de novo, a capacidade volitiva e, dentro em pouco, as matas de Petrópolis estavam à vista. Mais alguns minutos e perlustrávamo as grandes artérias cariocas. Por sugestão do instrutor, abeiramo-nos do mar, em exercício respiratório de maior expressão.

Vicente e eu estávamos positivamente exaus-

tos. Reconhecíamos que o esforço fôra significativo para nossas escassas fôrças.

Indiferentes à nossa presença, os transeuntes passavam apressados, de mente chumbada aos problemas de ordem material. Fonfonavam ônibus repletos. A grande baía figurava-se-nos cheia de fôrças renovadoras.

Quando se acendiam as primeiras luzes elétricas, Aniceto convidou-nos, generosamente:

— Vamos ao reconfôrto! Vocês estão fatigadíssimos. Irei mostrar-lhes que "Nosso Lar" tem, igualmente, alguns refúgios na Crosta.

XXXIV

OFICINA DE "NOSSO LAR"

Entre dezoito e dezenove horas, atingimos uma casa singela de bairro modesto. No longo percurso, através de ruas movimentadas, surpreendia-me, sobremaneira, por se me depararem quadros totalmente novos. Identificava, agora, a presença de muitos desencarnados de ordem inferior, seguindo os passos de transeuntes vários, ou colados a êles, em abraço singular. Muitos dependuravam-se a veículos, contemplavam-nos outros, das sacadas distantes. Alguns, em grupos, vagavam pelas ruas, formando verdadeiras nuvens escuras que houvessem baixado repentinamente ao solo.

Assustei-me. Não havia anotado tais ocorrências nas excursões anteriores ao círculo carnal. Aniceto, porém, explicou que não fôra vão o auxílio recebido para intensificação do poder visual. Estávamos em tarefa de observação ativa, com vistas ao aprendizado.

Não dissimulava, entretanto, minha surpresa. As sombras sucediam-se umas as outras e posso assegurar que o número de entidades inferiores, invisíveis ao homem comum, não era menor, nas ruas, ao de pessoas encarnadas, em contínuo vai-vém. Não havia, ali, a serenidade dos ambientes de "Nosso Lar", nem a calma relativa do Pôsto de Socorro de Campo da Paz. Receios imprevistos instalavam-se-me nalma, desagradáveis choques íntimos assaltavam-me o coração, sem que lhes pudesse localizar a procedência. Tinha a impressão nítida de havermos mergulhado num oceano de vi-